

Elementos da Economia

Jaqueline Fonseca Rodrigues
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Jaqueline Fonseca Rodrigues
(Organizadora)

Elementos da Economia

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E38	Elementos da economia / Organizadora Jaqueline Fonseca Rodrigues. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-015-5 DOI 10.22533/at.ed.155182012 1. Economia. 2. Economia – Política e governo. I. Rodrigues, Jaqueline Fonseca. CDD 330.2
-----	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Antes de efetuar a apresentação do volume em questão, deve-se considerar que por ser a Economia uma ciência que consiste na análise da produção, distribuição e consumo de bens e serviços, tendo como escopo uma linhagem social, pois estuda as relações de eficiência através da escolha dos agentes econômicos (unidades familiares, unidades empresariais, governo e resto do mundo) os quais observam e analisam as restrições que estes enfrentam.

Por não levarem em conta os impactos sociais das escolhas econômicas efetuadas, muitas falhas podem surgir, provenientes de decisões políticas oriundas de estudos econômicos. Em seu amplo estudo econômico as políticas micro e macroeconômicas acabam estendendo-se para outras partes do contexto social os quais não foram inseridos em momentos decisórios da formulação e aplicação de estas.

Percebe-se que é de extrema relevância a inserção de questões que englobem aspectos sociais e setor público, no sentido de constituir uma sociedade que possua justiça, igualdade, bem-sucedida e deste modo organizada.

Diante dos contextos apresentados, o objetivo deste livro é a condensação de extraordinários estudos envolvendo a sociedade e o setor público de forma conjunta através de ferramentas que os estudos econômicos propiciam.

O principal destaque dos artigos é uma abordagem de Elementos de Economia, através da apresentação do tratamento de políticas públicas, agricultura familiar, economia solidária e fundos de investimento, destacando as aplicações práticas e metodológicas, além da contribuição para que se interprete as relações econômicas, sociais e de cunho político.

A seleção efetuada inclui as mais diversas regiões do país e aborda tanto questões de regionalidade quanto fatores de desigualdade promovidas pelo setor econômico brasileiro.

Deve-se destacar que os locais escolhidos para as pesquisas apresentadas, são os mais abrangentes, o que promove um olhar diferenciado na ótica da ciência econômica, ampliando os conhecimentos acerca dos temas abordados.

A relevância ainda se estende na abordagem de teorias inerentes à gestão pública, envolvendo a Lei de Responsabilidade Fiscal, apresentando questões sociais e de cunho do setor público.

Finalmente, esta coletânea visa colaborar ilimitadamente com os estudos Econômicos, Sociais e de Políticas Públicas, referentes ao já destacado acima.

Não resta dúvidas que o leitor terá em mãos extraordinários referenciais para pesquisas, estudos e identificação de cenários econômicos através de autores de renome na área científica, que podem contribuir com o tema.

Jaqueline Fonseca Rodrigues
Mestre em Engenharia de Produção pelo PPGEP/UTFPR

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EXTRAÇÃO DE PEDRAS PRECIOSAS NA COMUNIDADE JÚLIO BORGES DE SALTO DO JACUÍ/RS	
Carine Dalla Valle Andrea	
Cristina Dorr	
DOI 10.22533/at.ed.1551820121	
CAPÍTULO 2	18
A FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUA POLÍTICA PÚBLICA EM LAGES, (SC): UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS FEIRANTES	
Geraldo Augusto Locks	
João Eduardo Branco de Melo	
Juliano Branco de Moura	
Maria Aparecida da Fonseca	
Elisângela de Oliveira Fontoura	
DOI 10.22533/at.ed.1551820122	
CAPÍTULO 3	34
A MANTEIGA DE OVOS DE TARTARUGA UM PRODUTO RENTAVEL NO ALVORECER DA PROVINCIA DO AMAZONAS 1822 – 1856	
Michele Lins Aracaty Silva	
Raimundo Alves Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.1551820123	
CAPÍTULO 4	49
DIFERENÇAS NOS NÍVEIS DE ESCOLARIDADE POR FAIXA ETÁRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS LIBERDADES INSTRUMENTAIS DE AMARTYA SEN	
Amanda Guareschi	
Indaia Dias Lopes	
Alessandra Biavati Rizzotto	
DOI 10.22533/at.ed.1551820124	
CAPÍTULO 5	62
DO EU PARA O NÓS: A ECONOMIA COMPARTILHADA/ COLABORATIVA E O FUTURO DA PROPRIEDADE INDIVIDUAL	
Michele Lins Aracaty Silva	
Rute Holanda Lopes	
Matheus Teixeira de Almeida	
Francilene da Silva Franco	
DOI 10.22533/at.ed.1551820125	
CAPÍTULO 6	84
EM MEIO AO SEMIÁRIDO, GOTEJOS DE ESPERANÇA: OLHARES SOBRE A AGRICULTURA FAMILIAR IRRIGADA NA COMUNIDADE DOS COLONOS, NO MUNICÍPIO DE CRUZETA – RN (2014).	
Kayck Danny Bezerra de Araújo	
Fernando Bastos Costa	
Vinícius Klause da Silva	
Fernanda Ferreira Lemos do Nascimento	

CAPÍTULO 7	98
O IMPACTO DOS GASTOS DISCRICIONÁRIOS DO GOVERNO BRASILEIRO NA TAXA DE JURO	
Wagner Eduardo Schuster	
DOI 10.22533/at.ed.1551820127	
CAPÍTULO 8	113
O VALOR ECONÔMICO DE UM BANCO DE TEMPO: UMA ANÁLISE DO BANCO DE TEMPO - FLORIANÓPOLIS	
Michele Romanello	
DOI 10.22533/at.ed.1551820128	
CAPÍTULO 9	125
OS IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA PARALISAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA AVÍCOLA NO MUNICÍPIO DE MIRIM DOCE – SC	
Rosani Losi	
Márcia Fuchter	
DOI 10.22533/at.ed.1551820129	
CAPÍTULO 10	140
PROGRESSO TÉCNICO INDUZIDO E A RELAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO CRESCIMENTO	
Ediane Canci	
DOI 10.22533/at.ed.15518201210	
CAPÍTULO 11	158
RELAÇÕES ENTRE A TAXA DE JUROS E O PATRIMÔNIO LÍQUIDO DOS FUNDOS DE INVESTIMENTO	
Wagner Eduardo Schuster	
Marcos Paulo Albarello Friedrich	
Marco Antonio Montoya	
DOI 10.22533/at.ed.15518201211	
CAPÍTULO 12	173
REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA: BERÇO DE TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS QUE INFLUENCIARAM TODA A HUMANIDADE	
Eduardo Cezar de Carvalho Souza	
Michele Lins Aracaty e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.15518201212	
CAPÍTULO 13	192
VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LEI DE RESPONSABILIDADE FISCAL NO BRASIL	
Michel Richard Costa de Quadros	
Nelson Guilherme Machado Pinto	
Daniel Arruda Coronel	
DOI 10.22533/at.ed.15518201213	
CAPÍTULO 14	205
AMBIENTE EXTERNO E INTERNO DE ESTABELECIMENTOS AGROPECUÁRIOS NA PERSPECTIVA DE AGRICULTORES FAMILIARES DO RIO GRANDE DO SUL	
Luis Augusto Araújo	
Claudimir Rodrigues	
Elizabeth Catapan	
Reney Dorow	
DOI 10.22533/at.ed.15518201214	

CAPÍTULO 15 228

MUDANÇAS NO PADRÃO DE CONSUMO ALIMENTAR NA PERSPECTIVA DE AGRICULTORES FAMILIARES DO SUL DO BRASIL

Luis Augusto Araújo
Antônio Marcos Feliciano
Marcelo Alexandre de Sá,
Léo Teobaldo Kroth,

DOI 10.22533/at.ed.15518201215

SOBRE A ORGANIZADORA..... 242

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NA INGLATERRA: BERÇO DE TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS QUE INFLUENCIARAM TODA A HUMANIDADE

Eduardo Cezar de Carvalho Souza

Bacharel em Ciências Econômica/ UFAM. E-mail: eduardo-cezar@hotmail.com

Michele Lins Aracaty e Silva

Doutora em Desenvolvimento Regional/ UNISC. Docente do Curso de Ciências Econômica – UFAM. E-mail: michelearacaty@ufam.edu.br

RESUMO: Pretende-se neste artigo abordar aspectos que circundam o entendimento acerca da primeira Revolução Industrial na Inglaterra e seus desdobramentos de cunho econômico, político e social, bem como a visão de economistas a respeito dos acontecimentos deste período. Nota-se que em meados do século XVIII a Inglaterra vivenciou mudanças de caráter primordialmente econômicos que viriam a afetar os mais diversos aspectos da história em um momento conhecido como a Revolução Industrial. Neste período, inovações tecnológicas no âmbito industrial e agrícola na Inglaterra. A inserção de máquinas no processo produtivo gera progressivos ganhos de produtividade, tornando seu bem final altamente competitivo nos mais diversos mercados. Entretanto, a inserção da política de cercamentos, bem como o surgimento do capitalismo industrial influem diretamente no êxodo urbano, e consequente inchaço populacional nas grandes cidades. A inserção da

maquinofatura traz alternância com amplitudes tangíveis a aspectos sociais, especificamente no escopo psicológico do trabalhador, que perde sua autoridade, conhecimento e arbitrariedade dentro do processo produtivo, tornando-se estritamente vinculado a um capitalista que o insere em uma linha de produção, deturpando seu conhecimento e o vinculando a uma única e repetitiva tarefa em péssimas condições de trabalho, sem direitos e a uma remuneração baixíssima. Portanto, entende-se que a Revolução Industrial representa uma ruptura total com diversos pontos produtivos e econômicos, tornando-se primordial para o estabelecimento do capitalismo industrial e para impactos profundos na relação entre o trabalhador e o capital e, desta forma, de evidente importância no debate do capitalismo industrial e história econômica geral.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução Industrial. Inovações. Transformações Socioculturais.

ABSTRACT: This article aims to address aspects that surround the understanding of the first Industrial Revolution in England and its economic, political and social developments, as well as the economists' view of the events of this period. It is noted that in the middle of the eighteenth century England experienced primarily economic changes of character that would affect the most diverse aspects of history

at a time known as the Industrial Revolution. In this period, technological innovations in the industrial and agricultural scope in England. The insertion of machines in the productive process generates progressive gains of productivity, making it's final good highly competitive in the most diverse markets. However, the insertion of the enclosure policy as well as the emergence of industrial capitalism directly influence the urban exodus, and consequent population swelling in the big cities. The insertion of "maquinofatura" brings alternation with amplitudes tangible to social aspects, specifically in the psychological scope of the worker, who loses his authority, knowledge and arbitrariness within the productive process, becoming strictly linked to a capitalist who inserts him into a production line, Distorting his knowledge and linking him to a single and repetitive task in bad working conditions, without rights and very low remuneration. Therefore, it is understood that the Industrial Revolution represents a total rupture with diverse productive and economic points, being essential for the establishment of industrial capitalism and for deep impacts on the relation between the worker and the capital and, therefore, of evident importance in the debate of industrial capitalism and general economic history.

KEYWORDS: Industrial Revolution. Innovation. sociocultural transformations

INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial caracteriza-se como um conjunto de mudanças de caráter produtivo e econômico ocorridas na Europa, principalmente na Inglaterra, entre os séculos XVIII e XIX, especificamente entre a década de 1760 a um período entre 1820 e 1840. O ponto mais relevante dentre as diversas mudanças no período supracitado é a substituição do trabalho de caráter artesanal por um trabalho assalariado e com o auxílio de máquinas e equipamentos.

A produção econômica europeia em um período anterior a Revolução Industrial está veementemente vinculada ao setor agrário. o acúmulo de capital representava uma forma de detenção do poder por parte da classe burguesa. Desta forma, com o intuito de acumular riquezas por meio da produção nas indústrias, as consequentes inovações técnicas passam a gerar uma grande demanda por trabalhadores que se deslocam em direção aos grandes centros urbanos, onde passaria a se concentrar a produção nas grandes indústrias.

Desse modo, com a utilização de novas técnicas na produção como a divisão do trabalho e novas tecnologias como máquinas movidas a vapor, os ganhos de produtividade e a capacidade produtiva da Inglaterra cresceram exponencialmente em um curto período de tempo.

METODOLOGIA

Quando aos aspectos metodológicos, considerados como um instrumento necessário ao pesquisador uma vez que compreende a análise da pesquisa e a busca

do conhecimento. Para tanto, esta pesquisa foi de caráter bibliográfico e documental com características descritivas e exploratórias.

Em relação aos procedimentos utilizamos o método histórico, o qual reconstrói o passado, sistematicamente, verificando evidências e delineando conclusões. Exibindo os acontecimentos históricos, políticos e econômicos provenientes da Revolução Industrial inglesa no século XVIII. Para tanto, utilizou-se de autores clássicos e contemporâneos que analisaram a Revolução Industrial sobre o olhar social, econômico e político.

1.1 1.1 Contextualização Histórica

Segundo HOBBSAWM, (1977) no período anterior ao surgimento do capitalismo industrial - por volta do ano de 1740 - o mundo era majoritariamente rural. Os portos representavam o maior meio de escoação de pessoas e produtos para outras regiões do mundo, que possuía vastos territórios desconhecidos e poucas possibilidades de deslocamentos. Portanto, dentre as mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial; a principal delas se caracteriza pela alteração drástica das relações entre o homem e o trabalho.

Para SAES, SAES, (2013, p. 147), a Revolução Industrial transforma o homem, que anteriormente era um agricultor, com o auxílio de energias humana e animal, que tinha parcela total de seu subsídio advindo do campo, para um homem manipulador de máquinas movidas por energia inanimada, localizado em grandes centros urbanos e em condições de vida totalmente diferentes.

Na concepção de Dobb, (1987, p. 148), as cidades possuíam modos de produção predominantemente artesanais ou manufatureiros, com destinação de venda em mercados locais ou coloniais. No âmbito artesanal, na maioria dos casos, todas as etapas do processo de produção eram realizadas por uma única pessoa. Desta forma, o artesão era conhecedor de todas as etapas da confecção do produto, além de ser o detentor das ferramentas para a produção e ter acesso às matérias primas necessárias.

Na manufatura, um grupo de trabalhadores é reunido dentro de um espaço comum, geralmente uma oficina. Sabe-se que apesar do processo produtivo ser estritamente manual, cada um dos artesãos ficaria responsável por uma específica etapa dentro do processo produtivo, caracterizando a divisão técnica do trabalho.

Naquele novo cenário, caracterizado pela produção industrial, novas técnicas produtivas eram inseridas em alguns ramos da manufatura, notadamente em período inicial no setor têxtil. Nota-se que duas mudanças foram primordiais neste momento: a introdução das máquinas e a inserção da energia inanimada, por meio da energia hidráulica e a vapor, em detrimento da energia humana e animal anteriormente utilizadas em primazia. Conceitualmente, trata-se do surgimento da grande indústria como local para a nova forma de produção capitalista. Neste contexto, a máquina passa a representar a posição central, por isso entende-se amplitude do impacto da inovação tecnológica neste período. (SAES; SAES, 2013, p. 151-154).

No escopo das inovações tecnológicas durante a Revolução Industrial caracterizam-se principalmente a inserção de máquinas no processo produtivo tanto no âmbito industrial, com maior relevância produtiva, como no viés agrícola. Dentre as diversas inserções tecnológicas na industrial surge a Spinning-Jenny, responsável pela tecelagem de fios em maior quantidade e metragem, assim como a Water Frame, responsável por auxiliar o processo de produção de tecidos, e por ser movida a energia hidráulica diminuía consideravelmente seus custos de produção.

Figura 1: Spinning-jenny

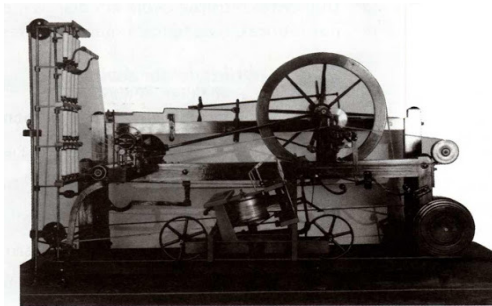


Figura 2: Water frame



Fonte da figura 1: <http://histoblogsu.blogspot.com.br/2009/06/as-maquinas-simplificando-o-trabalho.html>

Fonte da figura 2: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:18C_\(late\)_Arkwright_Water_](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:18C_(late)_Arkwright_Water_)

Na agricultura as grandes inovações tecnológicas são a máquina de debulhar e a semeadeira, onde a primeira fazia com muito mais rapidez a separação entre os grãos e a parte da plantação a ser descartada, trabalho feito manualmente em um período anterior, já a segunda era responsável por semear em menor período as mudas a serem plantadas e posteriormente cultivadas, além de otimizar o aproveitamento espacial do terreno, com mudas mais próximas, gerando consecutivo aumento no volume produtivo.

Figura 3: Máquina de Debulhar



Figura 4: Semeadeira



Fonte da figura 3: http://viticodevagamundo.blogspot.com.br/2010_09_01_archive.html

Fonte da figura 4: <http://invencoesseculoxix.blogspot.com.br/2015/05/semeadeira.html>

1.2 Aspectos Políticos, Sociais e Econômicos

Aspectos Políticos

De acordo com Collyer, (2015), ainda que a Revolução Industrial viesse a eclodir no período correspondente ao século XVIII, alguns acontecimentos em momentos anteriores, principalmente no viés político, influenciaram no surgimento e força da Revolução das máquinas. Fatores como a ascensão da classe burguesa e seu consequente poder em relação a outras nações despontam como impactos essenciais nos aspectos políticos da revolução.

Em 1649, Oliver Cromwell assume o governo português e se torna o responsável pela proclamação da República inglesa. Dois anos mais tarde, em 1651, Cromwell promulga o Ato de Navegação, responsável por impactar negativamente a economia holandesa daquele período, tendo em vista sua economia fortemente vinculada ao comércio de caráter marítimo e sua especialidade em tal. (COLLYER, 2015).

O primeiro importante acontecimento neste viés foi o Ato de Navegação, que preconizava que todos os países europeus deveriam somente importar mercadorias transportadas por navios ingleses, tal medida atacou fortemente o comércio naval, o qual era dominado pela Holanda, tendo em vista que a maior parte do capital acumulado pela Holanda advinha deste ramo. No ano seguinte, o ato foi ampliado, delimitando que o capitão do navio, dos países que promoviam a importação, bem como três quartos da tripulação deveria ser composta de cidadãos britânicos.

A maioria dos países europeus envolvidos direta e indiretamente neste comércio não apoiaram a decisão inglesa, entretanto não possui força e capacidade para revidar tal ato. A Holanda, por sua vez, caracterizando-se como a principal afetada por tal ato, possuía capacidade e então revidou o ato inglês por meio de um confronto bélico com a Inglaterra que perdurou até o ano de 1654 com a vitória inglesa. (COLLYER, 2015).

Por meio do Tratado de União de 1707, que foi responsável pelo estabelecimento da Grã-Bretanha, incorporando o Reino da Inglaterra e Escócia, a Inglaterra passa a ter uma maior estabilidade política dentro deste período. Ainda neste momento, o governo inglês passa a estreitar suas relações com suas colônias na América do Norte, garantindo assim, uma maior obtenção de matérias primas advindas desta região, bem como aumento da exportação de mercadorias manufaturadas, obedecendo ao princípio de comprar barato e vender caro. (COLLYER, 2015).

Neste mesmo momento, guerras contra a França possibilitam a expansão da economia inglesa em territórios franceses, gerando maior domínio do comércio inglês no cenário europeu, além da expansão do mercado marítimo na Índia e Canadá no decorrer do século XVII. (COLLYER, 2015).

Aspectos Sociais

A partir do século XVIII, com o advento das indústrias, desenvolvimento e inserção de máquinas no processo produtivo, além da substituição da energia animal por energia inanimada, as novas técnicas de divisão do trabalho, além da excessiva busca por altos índices de produtividade e lucro por parte do capitalista se perfazem como as principais mudanças no âmbito produtivo deste período. Com isso, o capitalista passa a exercer um papel cada vez mais impositivo dentro do processo de produção industrial. (SAES, SAES, 2013, p. 148-149).

A Revolução Industrial está estritamente relacionada à desestruturação do antigo estilo de vida tradicional dos trabalhadores ingleses. Naquele momento, o operário detinha apenas seu salário como meio de subsistência, sendo este seu único vínculo com seu patrão; diferentemente do trabalhador pré-industrial, que geralmente tinha algum acesso a meios de produção, o que lhe garantia alguma renda adicional; a relação antes mantida com seu superior, apesar da subordinação imposta a ele, era ainda assim mais complexa e próxima do que neste momento. (SAES, SAES, 2013, p. 148-149).

Nesse contexto, existia uma rígida disciplina imposta ao trabalhador, a imposição de um trabalho repetitivo, monótono, retirando qualquer autonomia do trabalhador, e que, além disso, não agregava conhecimento técnico algum devido à técnica de divisão do trabalho também imposta pelo capitalista. (SAES, SAES, 2013, p. 200-201).

O fato de estas grandes fábricas se situarem em grandes cidades também ocasionavam uma abrupta mudança no modo de vida do trabalhador, por razões como as precárias condições de habitação e a decomposição de laços. (SAES, SAES, 2013, p. 198-199).

As injustiças sofridas pelos trabalhadores com as mudanças ocorridas no caráter da exploração capitalista: a ascensão de uma classe de mestres, sem qualquer autoridade ou obrigações tradicionais; a distância crescente entre os mestres e os outros homens; a transparência da exploração na mesma fonte de sua nova riqueza e poder; a perda de status e, acima de tudo, da independência do trabalhador; reduzido à total dependência dos instrumentos de produção do mestre; a parcialidade da lei; a ruptura da economia familiar tradicional; a disciplina, a monotonia, as horas e condições de trabalho; a perda do tempo livre e do lazer, a redução do homem ao status de “instrumento”. (THOMPSON, 1987, p. 27).

Aspectos Econômicos

Para Hobsbawm, (1977, p. 47). Com a concentração de uma maior possibilidade de acumulação de capital centrada nos grandes centros urbanos, onde as indústrias se localizavam em sua maior parte, assim como mudanças em questões de divisão de terras, como a lei dos cercamentos¹, diretamente responsável pela retirada de terras

¹ Fenômeno de divisão de terras no setor agrário inglês iniciado no século XVII

antes utilizadas pela população agrícola, e que, a partir desta nova determinação, passaria a pertencer ao governo inglês, a população residente em áreas rurais estava, em sua maioria, sem possibilidade de exploração de terra, e assim, sem nenhuma fonte de renda.

Devido a estes fatores, bem como progressivo aumento da demanda por trabalhadores por parte das indústrias, grande parte da população rural deslocava-se para as grandes cidades inglesas, em busca de trabalho no setor secundário e melhores condições de vida. (HOBBSAWM, 1977, p. 52).

Este grande deslocamento populacional em direção as cidades possibilitou a inserção de mais trabalhadores nas indústrias, entretanto, apesar do número maior de trabalhadores empregados e maior desenvolvimento da indústria e comércio inglês, a menor taxa de desemprego não gerou melhoria na qualidade de vida da população, tendo em vista que, ao aumentar o contingente de trabalhadores, a remuneração média dos trabalhadores diminuía, tendo em vista que, com a elevada quantidade de trabalhadores, o capitalista dizia não ter possibilidade de melhoras na remuneração.

Desta forma, a economia inglesa se desenvolvia exponencialmente, tendo em vista que, com a possibilidade da transformação da matéria prima em produto final por meio da utilização de suas desenvolvidas indústrias, a economia inglesa era capaz de adquirir matérias primas, por meio de um processo de importação destes insumos com valor irrisório, transformação destes bens em produto pronto para comercialização, e pôr fim a venda destes bens com um valor final de mercado alto, adotando a iniciativa de comprar barato e vender caro.

1.3.1 Adam Smith (1723-1790)

Adam Smith foi filósofo, economista e professor universitário. Além disso, é considerado o mais importante economista liberal. O grande teórico do liberalismo econômico e da política de *laissez-faire*² é considerado o fundador da ciência econômica moderna. Autor da obra “A Riqueza das Nações”, na qual objetivava demonstrar que a riqueza das nações resultava em grande proporção da atuação dos indivíduos de uma sociedade, bem como do auto interesse (*self-interest*)³ destes promovendo a inovação tecnológica e conseqüente crescimento econômico.

Para Smith, segundo Fufeld, (2003, p. 41), o auto interesse em uma sociedade livre é primordial para uma nação alcançar o progresso e crescimento. Ao poupar, as pessoas aumentam os recursos de capital e, conseqüentemente, seu poder de consumo, com isso, as pessoas utilizam este capital de maneira mais lucrativa possível para produzir as mercadorias demandadas por outras pessoas.

Nos termos de Smith (1776), aquele que oferece a outro a troca de qualquer

² Expressão símbolo do capitalismo, cujo significado determina que a economia deve funcionar livremente, ou seja, sem interferências estatais.

³ Expressão cuja ideia consiste que cada pessoa deve agir de acordo com seu próprio interesse, de forma a maximizar a economia e seu bem-estar.

espécie se mostra disposto a fazer o mesmo. Dê-me aquilo que quero, e você terá o que quer, é o significado dessas ofertas; e é dessa maneira que obtemos uns dos outros a maior parte de tudo aquilo que precisamos.

Na visão de Smith, o maior obstáculo ao progresso econômico era o governo. Só cabiam ao Estado três funções legítimas, seriam elas: o estabelecimento e manutenção da justiça, a defesa nacional e “a criação e manutenção de certas obras e instituições que nenhum indivíduo ou grupo teria interesse em criar e manter”, por exemplo: as estradas, porém os custos deveriam recair, por meio de uma cobrança de tarifas ou pedágios, somente aos beneficiários desta obra. Conseqüentemente, qualquer outra obra governamental, na opinião de Smith, seria mais prejudicial do que benéfica. (FUSFELD, 2003, p. 42).

Segundo o sistema da liberdade natural, ao soberano cabem apenas três deveres; três deveres, por certo, de grande relevância, mas simples e inteligíveis ao entendimento comum: primeiro, o dever de proteger a sociedade contra a violência e a invasão de outros países independentes; segundo, o dever de proteger, na medida do possível, cada membro da sociedade contra a injustiça e a opressão de qualquer membro da mesma, ou seja, o dever de implantar uma administração judicial exata; e terceiro, o dever de criar e manter certas obras e instituições públicas que jamais algum indivíduo ou um pequeno contingente de indivíduos poderão ter interesse em criar e manter, já que o lucro jamais poderia compensar o gasto de um indivíduo ou de um pequeno contingente de indivíduos, embora muitas vezes ele possa até compensar em maior grau o gasto de uma grande sociedade (SMITH, 1996, p. 170).

1.3.2 Karl Marx (1818-1883)

Para Fufeld, (2003, p. 80), Karl Marx, nascido em 1818, foi filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista. Nascido e criado em uma das partes mais economicamente desenvolvidas da Alemanha Marx mostrava, ainda em sua adolescência, possuir grande capacidade intelectual.

Marx acreditava que as relações econômicas são a força motriz de qualquer sociedade. Conquanto, no capitalismo, as pessoas são motivadas por seus próprios interesses, ideia antes exposta por Smith. Para Marx, em um prefácio extraído de sua obra *Uma contribuição para a Crítica da Economia Política* (1859): “Na produção social que os homens realizam, eles estabelecidas relações definidas, que são necessárias e independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a uma etapa determinada no desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. (FUSFELD, 2003, p. 83).

A totalidade dessas relações de produção formam a estrutura econômica da sociedade – a verdadeira base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas definidas de consistência social. O modo de produção da vida material condiciona o caráter geral do processo social, político e espiritual da vida”. Em uma sociedade capitalista, os dois maiores interesses se

perfazem no do capitalista e trabalhadores. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2003, p. 301-303).

Entretanto, na visão de Marx, estas duas classes sociais opõem-se uma à outra, visto que o capitalista só pode prosperar com a exploração do trabalhador, por meio da produção. Conclui-se, segundo Marx, que o capitalismo finaliza-se apenas como a última série de organizações sociais onde uma classe explora ou prospera em função de outra. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2003, p. 297-300).

A história de todas as sociedades existentes até hoje é a história da luta de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, lorde e servo, mestre de corporação e jornaleiro, em uma palavra, opressor e oprimido. (...) A moderna sociedade burguesa que germinou das ruínas da sociedade feudal não se livrou do antagonismo de classes. Não fez mais que criar novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas. (MARX, 1848, p. 7-8).

Na visão de Marx o capitalista explora o trabalhador, ou seja, a mão de obra, no momento em que não paga em sua totalidade o valor dos bens e serviços produzidos. O capitalista emprega seus funcionários à taxa salarial fixa e os faz trabalhar o máximo de horas possíveis, assegurando que o valor final do produto supere os custos salariais.

Marx definia que a diferença entre o valor final do produto e os custos salariais consistia na “mais-valia”⁴. Esta exploração pode ser intensificada por meio da contratação de mulheres e crianças, que lograriam menos custos salariais, bem como os esforços do empregador em aumentar as jornadas de trabalho e reduzir os salários. (HUNT; LAUTZENHEISER, 2003, p. 297-298).

Além do sentido econômico, Marx alertava quanto à exploração no sentido psicológico, pois via o trabalho como uma contínua interação entre o produto do trabalho, as pessoas e a natureza, considerando o trabalho um elemento primordial no processo de desenvolvimento da personalidade humana. Desta forma, a realização pessoal no trabalho era primordial para o desenvolvimento rico e completo das relações dos trabalhadores com o seu meio produtivo. (FUSFELD, 2003, p. 84).

Contudo, no capitalismo o trabalhador era separado dos bens finais, frutos de seu empenho, bem como das ferramentas necessárias para produção, opondo-se a momentos anteriores, onde no processo manufatureiro, o trabalhador era detentor das ferramentas produtivas, bem como conhecedor de todo o processo produtivo, possuindo uma interação direta com os bens e o meio produtivo que a concernia. (FUSFELD, 2003, p. 84).

1.3.3 Joseph Schumpeter (1883-1950)

Os estudos Schumpeterianos estão diretamente relacionados ao estudo da inovação tecnológica e a forma pela qual a mesma pode afetar o desenvolvimento econômico de determinada região. Em sua primeira obra, Teoria do Desenvolvimento

4 Termo criado por Karl Marx que consiste na diferença entre o valor final de uma mercadoria e a soma dos valores de todos os meios de produção e remuneração do trabalhador nela empregados. Esta diferença representaria a base de lucro do sistema capitalista.

Econômico, 1912, o autor analisa a função do empreendedor como um ser inovador e de fundamental importância no progresso e na criação do avanço econômico, devido a sua inerente função indutiva. (FUSFELD, 2003, p. 223).

O desenvolvimento, no sentido em que o tomamos, é um fenômeno distinto, inteiramente estranho ao que pode ser observado no fluxo circular ou na tendência para o equilíbrio. É uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente (SCHUMPETER, 1985, p. 47-48).

Mesmo partindo de objetivos individuais, os efeitos das inovações tecnológicas possuem amplitude elevada e ocasionam reorganizações na atividade econômica, gerando uma demanda por produtos tecnologicamente atualizados e inovadores, fator que garante o aspecto instável do sistema capitalista e o torna dependente da realização de inovações.

Na visão Schumpeteriana, as inovações caracterizam-se pela introdução de novas combinações produtivas ou mudanças na função de produção. Schumpeter classifica essas mudanças em cinco aspectos, sendo eles: a introdução de um novo bem em um mercado; a introdução de um novo método ainda não antes utilizado dentro deste ramo produtivo em que tal inovação não decorre; a abertura de um novo mercado; o estabelecimento de uma nova fonte de matéria prima ou de bens semimanufaturados e por fim, a criação de uma nova organização de qualquer indústria.

Neste contexto o empreendedor possui o papel de indução das melhoras técnicas, enquanto os consumidores são os induzidos, que devido a essas mudanças, passam a demandar produtos novos e com novos modos de produção nele inseridos.

1.3.4. Whitman Rostow (1916-2003)

O pensamento Rostowiano está veementemente vinculado ao contexto do crescimento econômico sob as circunstâncias da pobreza e do atraso econômico em um país com possíveis condições de crescimento, a exemplo das principais potências europeias antes de alcançarem o desenvolvimento econômico. O instrumento metodológico utilizado por Rostow para medir o grau de desenvolvimento de uma região é a “decolagem”. (MOREIRA, 2012, p. 6).

A “decolagem” define-se como um aumento sustentado do volume e produtividade da inversão em uma sociedade pela renda real per capita, o que acarreta na passagem de uma região preponderantemente agrícola para uma economia industrializada. Desta forma, a “decolagem” se ramifica em três subdivisões inter-relacionadas: O incremento na taxa de investimento produtivo; o desenvolvimento de um ou dois setores manufaturados básicos e o aproveitamento dos impulsos expansionistas do setor externo, de modo a acompanhá-lo internamente.

Entretanto, o fator mais influente na possibilidade de desenvolvimento econômico é a inovação tecnológica, que contribui para o aperfeiçoamento da alta produtividade

da indústria aliada ao baixo custo produtivo e que culmina no aumento da produtividade em outros setores e reinvestimentos em elevadas proporções.

1 | 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nota-se que a Revolução Industrial foi fortemente alavancada por um processo de inovações tecnológicas, que possibilitaram expressivos ganhos de produtividade, além de consecutivas reduções em custos intermediários. Portanto, faz-se estritamente necessária uma abordagem sobre o surgimento destes equipamentos capazes de, por meio da produção em massa por eles proporcionados, gerar ganhos economicamente exponenciais tornando a Inglaterra um grande centro e principal economia no ciclo sistêmico de acumulação de capital naquele período.

Apesar das mais conhecidas e expressivas máquinas surgirem nas grandes indústrias a agricultura também foi beneficiada com o surgimento de máquinas que, capazes de substituir a mão de obra do trabalhador, tornavam a produção mais barata e eficaz. Nota-se que com a economia inglesa voltando-se para a produção e transformação do algodão em tecido, este será o mercado produtivo mais beneficiado pelo surgimento de inovações tecnológicas.

No setor agrícola, mudanças como o surgimento de adubos, construção de grades e arados melhores e mais resistentes possibilitaram uma maior e melhor qualidade no produto gerado pelo campo, com o seu ganho de qualidade os produtos passam a tornar-se mais atraentes e conseqüentemente demandados em mercados domésticos e internacionais de tecido.

Com o intuito de tornar a produção agrícola mais rápida e eficaz, devido aos expressivos aumentos de demanda por matéria prima para a produção em massa de tecido nas grandes indústrias inglesas surge a semeadeira. Em 1701, Jethro Tull cria uma máquina capaz de espalhar as sementes em uma distância correta uma das outras tornando capaz de otimizar o número de algodoeriras em uma certa metragem de terreno e a uma profundidade específica. Em períodos anteriores a esta invenção as sementes eram jogadas em qualquer lugar com perda de espaços cultiváveis, e conseqüentemente, perda do nível de produção de algodão.

Criada por Obed Hussey, um inventor e fabricante de equipamentos mecânicos destinados a agricultura, foi a pioneira e mais importante máquina criada para auxiliar o processo de exploração do campo foi a máquina de debulhar de 1792. Anteriormente o algodão era manualmente colhido e devido a expressiva amplitude de terras cultivadas para a produção do algodão esta colheita demorava muito tempo. Desta forma, a máquina de debulhar foi desenvolvida com o intuito de substituir esta mão de obra manual, além de tornar a colheita do algodão mais rápida e eficaz.

Nas grandes indústrias se concentraram as maiores invenções de caráter produtivo na Inglaterra durante a Revolução Industrial. Como citado anteriormente,

o mercado de tecidos foi fortemente alavancado com o surgimento destas máquinas, tendo em vista que com a crescente produção de algodão na área rural a Inglaterra especializou-se na geração deste bem.

A primeira invenção no viés da produção de caráter industrial é a Lançadeira volante criada em 1733 por John Kay. Anteriormente, a lançadeira deveria ser passada manualmente de um trabalhador para outro, tornando a largura do tecido limitada a uma dada metragem. Com o surgimento deste equipamento, a lançadeira poderia ser deslocada para qualquer lugar devido a introdução de rodas em uma ranhura de madeira, tornando possível a produção de tecidos de qualquer largura e com maiores profundidades.

Uma importante invenção, que possibilitou um notável ganho de produtividade nas indústrias inglesas foi a Spinning-Jenny. No ano de 1764, James Hargreaves cria uma máquina capaz de aumentar a produção de fios devido a um maior número de fusos neal contidas, estes fusos estavam diretamente relacionados a possibilidade de produção de tecidos, tendo em vista que os mesmos eram responsáveis pela fiação do algodão. Entretanto, apesar de possibilitar um ganho do volume produtivo, estes fios tornavam-se mais frágeis e quebradiços, dificultando o processo de tecelagem e diminuindo a qualidade dos produtos finais.

Em 1769, Richard Arkwright aprimora a máquina de James Hargreaves e patenteia a Water Frame, capaz de produzir fios mais grosso, e conseqüentemente, menos quebradiços. Além disso, esta máquina passaria a ser movida por energia hidráulica, tornando o equipamento mais econômico. Portanto, findava-se que a produção de tecidos, agora aprimorada, conseguia produzir mais fios, sendo eles mais grossos e resistentes com um menor custo intermediário e maior volume final de produção.

O início do século XIX teve relevância para o surgimento de inovações para escoamento de produtos, por meio do surgimento do barco a vapor de Robert Fulton em 1807, assim como a Locomotiva de George Stephenson em 1814. Com isso, o transporte de produtos que antes era feito de forma lenta e precária, passa a dar lugar para um transporte mais rápido, seguro e com possibilidade de escoamento de uma maior expressividade de produtos, abastecendo os mais distantes mercados.

Dada a sua ampla importância no cenário histórico e econômico a Revolução Industrial figura-se como um tema extremamente abordado por diversos economistas das mais diversas escolas, além de servir de embasamento teórico para comparações com situações atuais no viés econômico. Desse modo, é estritamente necessária uma abordagem a respeito do pensamento dos principais economistas a respeito desta conjuntura, além da exposição das influências de seus pensamentos no âmbito do capitalismo industrial que progredia na Europa no período supracitado.

Por viver no local e período onde as inovações tecnológicas e o capitalismo industrial eclodiram Smith possui um arcabouço teórico valioso a respeito da Revolução Industrial. Smith aborda temas acerca do aumento de produtividade com a aplicação de técnicas de divisão de trabalho, gerando ganhos de produtividade, além de ressaltar

a importância do estabelecimento de fortes produtos e mercados domésticos para a geração de desenvolvimento econômico.

Smith preconizava que diferentemente de um período anterior ao surgimento do capitalismo industrial, onde por meio de um modo de produção manufatureiro, o artesão produzia bens em pequena escala na indústria, já com a aplicação das técnicas de divisão do trabalho em que cada trabalhador estaria responsável por uma fatia do processo produtivo, a produção se tornava mais dinâmica e os ganhos de produtividade eram expressivamente maiores, gerando maiores lucros devido a aplicação de políticas de comprar barato e vender caro. Desta forma, na visão de Adam Smith seria possível tangenciar o desenvolvimento econômico por meio da dominação de mercados externos com seu forte produto no mercado.

Para galgar maiores patamares de desenvolvimento, na visão de Smith eram necessários alguns esforços de caráter econômico. Com um crescente investimento e consequente inovações tecnológicas na Inglaterra os produtos passavam a apresentar custos intermediários menores e de produção, proporcionando menor valor no bem final. Desse modo, com uma elevada oferta de bens, e ainda, com a facilitação no escoamento de produtos, devido ao surgimento das locomotivas e os barcos a vapor, a Inglaterra passaria a se desenvolver com sua produção em larga escala e grande exportação de produtos no mercado externo.

Portanto, por preconizar que o desenvolvimento de uma nação está diretamente relacionado a sua capacidade produtiva, assim como sua força mercantil, as ideias de Adam Smith, de certa forma, aplicaram-se no contexto da Revolução Industrial, tornando seu pensamento inteiramente abordável a respeito deste tema.

Importante crítico da Revolução Industrial, Karl Marx possui relevante importância para o entendimento do contexto social que circundava esse período. O uso da mais-valia, assim como a alienação do trabalhador ao capital e o total vínculo e subordinação do mesmo ao empresário industrial, que ao possuir o capital e a matéria prima explorava o trabalhador que apenas detinha sua mão de obra como bem.

Marx desinchava o processo produtivo em três fatias, sendo elas: o capital fixo; representado pelas máquinas e equipamentos; o capital variável; que perfazia-se na mão de obra do trabalhador; e a mais valia; que consistia na renda destinada ao lucro, gastos com adiantamentos para o investimento e pagamento de juros, também parte que representava a exploração da mão de obra do trabalhador no seu ponto de vista. Ao analisar a jornada de trabalho dos operários, Marx observou que as horas gastas para a produção de bens em valor correspondente aos salários pagos aos trabalhadores representava apenas uma pequena parcela do total de horas trabalhadas pelos mesmos.

No âmbito social, Marx acreditava que com o surgimento do capitalismo industrial e a produção em larga escala, o artesão da produção manufatureira que antes detinha o conhecimento e os meios de produção, além da autoridade no processo produtivo, agora estaria vinculado a um capitalista, que o separa da matéria prima, deturpa seu

conhecimento ao vinculá-lo a uma única e repetitiva tarefa e o introduz em uma escala com jornadas e condições desumanas de trabalho, inclusive por meio da exploração de crianças e mulheres, causando desdobramentos que segundo Marx diminuiriam o trabalhador como ser humano e o afetaria em âmbitos psicológicos.

Importante pensador e economista, além de possuir importância no estudo do desenvolvimento econômico Joseph Schumpeter também foi capaz de contribuir fortemente para o pensamento econômico, além de abordar temas pertinentes e presentes no contexto econômico que envolveu a Revolução Industrial. Schumpeter via na inovação tecnológica a melhor forma de, por meio da renovação, produzir mais e melhor e assim alcançar o desenvolvimento de uma região.

Schumpeter evidenciava que os incentivos a criação de novas tecnologias produtivas eram estritamente importantes para o desenvolvimento econômico. Esta medida foi adotada pela Inglaterra, que ao investir em diversas áreas, foi capaz de alavancar sua produção e diminuir seus custos intermediários. Desta forma, ao potencializar sua indústria doméstica, assim como acreditava Schumpeter, a Inglaterra foi capaz de prosperar e se desenvolver economicamente até atingir o nível de maior economia naquele período e detentora de uma acumulação sistêmica de capital. Portanto, nota-se a importância do pensamento de Schumpeter para o entendimento do crescimento econômico da Inglaterra neste período.

Dos economistas contemporâneos que retratam temas relevantes e que se fazem presentes na Revolução Industrial encontra-se Rostow. Abordando temas como a possibilidade de crescimento econômico de um país emergente por meio do aprimoramento do setor industriário doméstico somado a política de substituição de importação, Rostow preconiza que um país emergente é sim capaz de alcançar o desenvolvimento por meio de um pequeno processo conhecido como “decolagem” ou “arranco” que está diretamente relacionado às medidas tomadas pela Inglaterra no século XVIII.

Em um primeiro momento destaca-se a sociedade tradicional, caracterizada por modos arcaicos de produção, tendo como principal atividade econômica a agricultura, posteriormente surgem as pré-condições para a decolagem, onde a sociedade começa a assimilar os conhecimentos e desenvolvimentos tecnológicos e científicos, a decolagem se perfaz como terceiro passo e caracteriza-se com um elevado aumento no nível de investimento na produção doméstica, o próximo passo é a marcha para a maturidade que consiste em elevadas taxas de investimento, onde a renda nacional ultrapassa o crescimento demográfico. Por fim, temos o consumo em massa que se caracteriza pelo alto nível de vida da sociedade em questão.

Portanto, observa-se que são analisadas diversas óticas de um mesmo acontecimento, em que certos autores se enfocam em aspectos de nível de produção, impactos sociais e até em aspectos macroeconômicos como o desenvolvimento de uma nação por meio das inovações tecnológicas ou por incentivos na indústria doméstica somada a políticas de substituição de importação. De qualquer forma, os

temas abordados por estes autores são relevantes para o entendimento da amplitude das alterações causadas com o surgimento da Revolução Industrial.

Assim como alterações em aspectos políticos e econômicos a Revolução Industrial também gerou desdobramentos no âmbito social. Com o surgimento do capitalismo industrial as relações de trabalho, assim como as formas de produção se tornam ligeiramente diferentes e impactam diretamente no modo de vida da sociedade de baixa renda naquele período. Estas alterações estão vinculadas a diversas revoltas por melhorias nas condições de vida e trabalho dos operários que passariam a exercer cargas horárias desumanas, principalmente nas grandes indústrias têxteis.

No modo de produção manufatureiro, que correspondia o período anterior ao nascimento do capitalismo industrial, era caracterizado por uma produção artesanal, onde em uma pequena oficina o artesão produzia diariamente pequenas quantidades de produtos com sua matéria prima e mão de obra, com o crescimento da demanda os capitalistas passaram a observar a oportunidade de empregar diversos artesãos em uma oficina e disponibilizando a matéria prima com o intuito de aumentar a produção. A partir deste momento o artesão já respondia a um capitalista e era parcialmente desvinculado da autoridade sobre a produção.

Com a ascensão das indústrias, assim como com o surgimento das máquinas e equipamentos que auxiliavam esta produção em massa, o capitalista passa a dominar totalmente o processo produtivo, tendo em vista que o mesmo passa a deter o capital e os meios de produção. Desta forma, o trabalhador tornava-se totalmente vinculado ao capitalista, além de ser separado dos utensílios necessários para a produção, matéria prima e produto final gerado por aquela indústria, o trabalhador também era submetido a uma jornada de trabalho de até 16 horas diárias e sem qualquer tipo de direitos, ocasionado em um período posterior diversas revoltas de cunho trabalhista por melhores condições de trabalho.

A primeira revolta de cunho trabalhista conhecida neste período é conhecida como Ludismo, liderado por Ned Ludd, um suposto trabalhador operário, influenciava grupos de trabalhadores descontentes com os avanços e a inserção de máquina na produção. Os ludistas protestavam principalmente contra a substituição da mão de obra operária pelo uso de máquinas, ameaçando os capitalistas e destruindo as máquinas por acreditarem que estas eram um mal a sociedade, pois eram diretamente responsáveis pelo desemprego dos trabalhadores, assim como suas condições irrisórias de remuneração.

Em 1830 surge outro importante movimento trabalhista que galgava alcançar alguns direitos antes inexistentes para a classe trabalhadora. Movimento conhecido como Cartismo, este tratava-se da mobilização de trabalhadores que buscavam objetivos inicialmente políticos. O voto era restrito a quem obtivesse renda alta, impossibilitando os votos por parte dos operários de acordo com a Lei de Reforma Eleitoral, além disso o trabalhador também não poderia ser eleito por não possuir propriedades. Logo, o objetivo deste grupo de operários era possibilitar seu voto,

assim como a possibilidade de ser eleito, objetivando maior notoriedade no âmbito social e assim melhores condições de vida a sua classe.

Portanto, observa-se que os impactos sociais causados pela Revolução Industrial são relevantes, e inicialmente repercutiam em mudanças negativas para a classe trabalhadora, que era separada do conhecimento produtivo, e vinculada as vontades do capitalista e seu capital, responsável por determinar quem subordinava e quem era subordinado naquele modo de produção. Desta forma, em última instância ocasionava maior distinção social entre o capitalista e o operário da indústria.

O surgimento da Revolução Industrial ocorreu primeiramente na Inglaterra devido a condições favoráveis como o elevado montante de capital acumulado, além de fatores de produção como terra e capital em primazia, somadas a oportunidade da inserção do modo de produção capitalista. Desta forma, surgem as inovações tecnológicas como mola propulsora para os ganhos de produtividade e posterior desenvolvimento econômico da região supracitada. Não obstante, é necessário o entendimento a respeito dos impactos causados pela inserção do modo capitalista industrial de produção em aspectos políticos, sociais e econômicos naquele período.

No âmbito político no ano de 1707 é promulgado o Ato de Navegação que determina que todos os países deveriam importar bens por meio de navios ingleses, tornando a Inglaterra o grande centro do comércio naval e grande potência no escoamento de produtos naquele período. Em 1707 o Tratado de União é estabelecido nele informando a incorporação do Reino da Inglaterra e Escócia, findando em uma maior estabilidade política em um período anterior a eclosão da Revolução Industrial, ainda neste momento a Inglaterra estreita suas relações com a

América do Norte, garantindo maior montante de matérias primas, além de abrir espaço para um novo mercado consumidor.

Os aspectos sociais são fortemente afetados com o emergir do capitalismo industrial, tendo em vista que com essa nova forma de produção, a obsoleta produção em manufaturas é substituída por uma produção em larga escala e com a aplicação da divisão de trabalho. Desta forma, temos que o artesão que antes produzia seu bem manualmente e em pequena escala passa a estar vinculado a um empresário que o insere em uma linha de produção e limita seu conhecimento técnico sobre a produção, além de limitar sua remuneração a valores irrisórios e fixos. Portanto, obtêm-se elevados ganhos de produtividade, todavia as desigualdades sociais se tornam mais perceptíveis com os baixos salários aplicados.

No viés econômico as inovações tecnológicas nos diversos ramos da economia foram responsáveis pelo barateamento da produção, além do crescimento da possibilidade produtiva da Inglaterra naquele período. Com o estabelecimento de maquinários no setor têxtil, metalúrgico, assim como em mercados de transportes, obtinha-se conseqüentemente quedas nos custos de produção e transporte e larga oferta de produtos, tornando a Inglaterra o principal país exportador de bens e com um produto extremamente competitivo no mercado internacional. Portanto, observava-se

no longo prazo um notável desenvolvimento econômico que financiou a estruturação de toda sua forte capacidade econômica.

Portanto, compreende-se que o principal momento para elevar a magnitude da Revolução Industrial foram as inovações tecnológicas nela empregadas, facilitando e otimizando a produção de diversos mercados ingleses. As inovações técnicas e tecnológicas significaram a ascensão da economia inglesa, assim como a importância do debate deste tema no âmbito da ciência econômica, principalmente por seus diversos desdobramentos de cunho, político, social e econômico, além de possuir importância para a construção do arcabouço teórico de diversos economistas clássicos, também servindo de conhecimento no entendimento das decisões e suas respectivas consequências não cenário econômico atual.

1 | 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Revolução Industrial na Inglaterra caracterizou uma mudança jamais vista em diversas áreas, abrangendo também a ciência econômica, pois representou a ruptura com um modo de produção artesanal e de baixa escala para a inserção do capitalismo industrial, que preconiza o elevado contingente de trabalhadores em uma fábrica produzindo bens em larga escala em com tecnologias e técnicas produtivas a fim de otimizar a produtividade. Esta revolução de máquinas afetou direta e indiretamente a política, mas principalmente a economia e a sociedade inglesa em um primeiro momento, e em última instância todo o mundo.

No âmbito político, a Revolução Industrial inglesa representou principalmente uma maior estabilidade política para o país. Além deste fato, outros aspectos secundários trouxeram relevância direta para a consolidação econômica inglesa, como o Ato de Navegação que representou o domínio inglês das rotas de escoamento marítimo de produtos, assim como o Tratado de União que anexou a Escócia ao reino da Grã-Bretanha, trazendo maior estabilidade política e estreitando relações com suas colônias, possibilitando assim o alcance de outros mercados externos para exportar e extrair mão de obra e matéria prima.

Ao se estabelecer a produção em larga escala somada às técnicas de divisão do trabalho, incorpora-se o capitalismo industrial, rompendo com o antigo modo de produção manufatureiro em que a todo o processo produtivo era executado por um único artesão em sua oficina, tornando-o assim o conhecedor de todo o processo produtivo e o desvinculando de qualquer subordinação. No capitalismo industrial, ao ser inserido em uma escala produtiva, o operário era afastado do bem produzido, dos meios de produção, matéria-prima e ainda passava a não obter o conhecimento do processo técnico de fabricação, vinculando-o a uma única e repetitiva tarefa de alimentar as máquinas, fator causador diversas revoltas no escopo trabalhista.

Em termos econômicos, as inovações tecnológicas proporcionaram expressivos

ganhos em produtividade, além de melhorias na qualidade de seus bens e menores custos produtivos, fatores culminantes para tornar o tecido inglês altamente competitivo no mercado externo. Com o domínio das rotas de escoamento marítimas, a Inglaterra detinha todos os fatores necessários para se estabelecer como potência econômica mundial, como o fez. Os avanços tecnológicos na produção de tecido, como a lançadeiras capazes de aumentar a largura dos tecidos, as inovações no campo, como as máquinas de debulhar que colhiam em grande escala a lã, e até mesmo tecnologias inseridas no transporte como as ferrovias caracterizaram estas inovações.

O estudo sobre a Revolução Industrial nos induz a entender o pensamento econômico naquele período, assim como a concepção de desenvolvimento ou de técnicas para alcançá-lo nos dias atuais e o entendimento de que forma tais formas se assemelham as utilizadas naquele período. Os economistas clássicos e contemporâneos, ainda que pertencentes a escolas econômicas distintas, são extremamente necessários para o entendimento dos acontecimentos de caráter econômico na Inglaterra durante este período de elevado desenvolvimento econômico por meio da inserção de inovações técnico-produtivas e tecnológicas.

Adam Smith é um economista clássico que possui grande contribuição para o pensamento econômico, além disso é possível observar alguns ideais deste autor sendo aplicados ou dissociados durante este período. Smith preconizava que uma produção organizada de modo a cada trabalhador se tornar responsável por uma fatia do processo produtivo elevava em grandes proporções a produtividade daquela empresa em sua denominada técnica de divisão do trabalho. Smith ainda possui relevância ao preconizar que para o desenvolvimento de uma economia, cada pessoa deveria seguir o seu próprio interesse, de forma que a aquecer o mercado e estimular a produção, findando no desenvolvimento econômico.

Karl Marx avaliava a Revolução Industrial sob a ótica social, analisando principalmente as condições trabalhistas daquele período. Marx criticava a busca pelo lucro da forma como era feita, ao deturpar o conhecimento do trabalhador, vinculá-lo a uma máquina ou um processo produtivo repetitivo, além de erradicar sua possibilidade de ascensão social. A mais-valia absoluta e relativa é utilizada como argumento de Marx para evidenciar a exploração do operário, onde a mais-valia absoluta representava o aumento da carga horária gerando aumento no nível de produção, e a mais-valia relativa preconizava as inovações técnicas que gerava uma produção em menor tempo, tornando o trabalho do operário cada vez mais desvalorizado.

Joseph Schumpeter também contribuiu para o pensamento econômico, assim como para o entendimento dos fatos ocorridos durante a Revolução Industrial com sua teoria de desenvolvimento econômico. Para Schumpeter, o desenvolvimento econômico poderia ser alcançado de forma mais eficaz por meio das inovações tecnológicas, que garantiriam um aumento na produção e tornariam o bem em questão fortemente competitivo no mercado externo. Portanto, nota-se a semelhança dos pensamentos de Schumpeter com o ocorrido na Inglaterra no período supracitado, onde o setor

têxtil inglês, por meio de suas inovações, gerou um produto altamente demandado no mercado internacional, alavancando a economia inglesa.

Walt Whitman Rostow também possui sua parcela de contribuição para o pensamento econômico contemporâneo, assim como possui pensamentos que se relacionam com os ocorridos durante a Revolução Industrial inglesa. Rostow preconiza que o desenvolvimento econômico pode ser alcançado por países em desenvolvimento com a utilização de alguns passos. As etapas do processo de Rostow caracterizam-se por um de incentivo a indústria interna de um país, e por meio de um processo denominado “alavancagem” atinge-se o desenvolvimento econômico ao estimular a inovação tecnológica e a produção interna com o intuito de criar uma indústria doméstica forte e um produto competitivo.

Portanto, as formas de se observar os acontecimentos histórico-econômicos na amplitude da Revolução Industrial são os mais diversos. Desta forma, torna-se necessário entendimento acerca dos desdobramentos de cunho político, econômico e social, assim como entender a influência do pensamento econômico para este acontecimento, bem como a influência das inovações tecnológicas nos aspectos microeconômicos na Inglaterra durante o período da Revolução Industrial. Desse modo, é possível compreender a importância deste momento histórico para a inserção e estabelecimento do modo de produção capitalista até o presente momento.

REFERÊNCIAS

COLLYER, Francisco Renato Silva. Revolução Industrial: aspectos políticos e sociais da maior revolução da idade moderna. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, ano 20, n.4242, 11 de fev. 2015. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/31268>>. Acesso em: 17 out. 2016.

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FUSFELD, Daniel R. *A Era do Economista*. 1ª Edição. São Paulo: Saraiva, 2003.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HUNT, E. K. e LAUTZENHEISER, Mark. *História do Pensamento Econômico – Uma perspectiva Crítica*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Elsevier Campus, 2013.

MOREIRA, Sandrina. Economia do Desenvolvimento: das abordagens tradicionais aos novos conceitos de desenvolvimento. [Editorial]. *Revista de Economia*, v. 38, n.2 (ano 36), p. 25-50, maio/ago. 2012.

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione– *História Econômica Geral*. 1ª Edição – São Paulo: Saraiva, 2013.

SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-015-5



9 788572 470155